IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL EMMANUEL LEVINAS

LINGUAGEM, FEMININO E LITERATURA

L755
Linguagem, feminino e literatura [Recurso eletrônico on-line] organização IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas – Belo Horizonte;

Coordenadores: Gregory Rial e Luciene dos Santos, 2019.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-00-00046-7
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: “O sentido do humano: ética, política e direito e tempos de mutações”.

1. Ética. 2. Literatura. 3. Feminino. 4. Linguagem. IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas (1:2020 : Belo Horizonte, BH).

CDU: 34

IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL EMMANUEL LEVINAS

LINGUAGEM, FEMININO E LITERATURA

Apresentação

O presente volume reúne os textos que foram apresentados no grupo de trabalho "Linguagem, Feminino e Literatura" durante o IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas ocorrido nos dias 8, 9 e 10 de outubro de 2019 na Dom Helder Escola de Direito.

Estes textos representam a versatilidade do pensamento levinasiano: são artigos não só da filosofia, mas também de áreas como teologia, direito, letras, comunicação social e psicanálise. As leituras transversais que os autores destes textos fazem da obra de Levinas permitem encontrar nos testemunhos da literatura, das imagens e dos rostos femininos o enigma do Outro, o rastro de uma ética não tematizável. A partir deste enigma são problematizadas e matizadas questões fundamentais para o atual momento e cria-se, do ponto de vista metodológico, uma epistemologia diferencia que ultrapassa a mera hermenêutica filosófica.

Destaca-se a renovada leitura do problema do feminino em Levinas que tem sido explorada e aprofundada como forma de responder ao premente apelo do nosso tempo de quitar a dívida histórica com as mulheres. Também as interfaces com a literatura criam uma

aproximação da filosofia com as letras em que se é possível escutar uma voz que interpela: serão os personagens literários uma figura do drama ético que a nossa carne experimenta? Em que medida a linguagem inacabada dos literatos conserva o dizer do encontro ético, do face a face?

Ressalta-se a abertura dos estudos levinasianos para a área da comunicação social, uma articulação promissora ao entrever nestes escritos filosóficos uma teoria da comunicação que não se reduz à mera troca de informações de uma interlocução contextualizada, mas que parte do pré-original: da abertura de um sujeito ao outro - condição de possibilidade de qualquer comunicação. Além disso, a apropriação dá filosofia levinasianos pela Comunicação Social alimenta uma tensão muito pertinente que trata das possibilidades de encontrar o Rosto na plasticidade das imagens ou até que ponto uma imagem é epifania e em que momento é

reificação totalizante do Outro.

À apresentação oral destes textos seguiram preciosas discussões cujo conteúdo, infelizmente, não foi registrado em texto. Mas almejamos que a disponibilização deste material contribua para futuras discussões que, cremos, contribuirão para o aprofundamento

de Levinas na academia brasileira.

Os organizadores

DESEJO E ALTERIDADE: A DIMENSÃO DA LINGUAGEM EM LÉVINAS

DESIRE AND ALTERITY: THE DIMENSION OF LANGUAGE IN LÉVINAS

Lucila Lang Patriani de Carvalho

Resumo

A Linguagem e a Intersubjetividade se encontram no bojo do pensamento de Emmanuel Lévinas e o situa de modo bastante peculiar no cenário da Filosofia Francesa Contemporânea. A intenção do trabalho é a de aprofundar estes temas no pensamento de Lévinas a partir da questão do Desejo e da Alteridade, para então chegarmos à Linguagem e Intersubjetividade. De modo a melhor compreendermos a especificidade do pensamento de Lévinas esboçaremos algumas considerações realizadas por Jean-Paul Sartre a respeito dos temas abordados, analisando o modo como suas respectivas concepções se estruturam.

Palavras-chave: Emmanuel lévinas, Jean-paul sartre, Filosofia francesa contemporânea, Linguagem, Intersubjetividade

Abstract/Resumen/Résumé

Language and Intersubjectivity are at the heart of Emmanuel Lévinas' thinking and place it quite peculiarly in the setting of Contemporary French Philosophy. The intention of the work is to deepen these themes in Lévinas' thought from the question of Desire and Alterity, so that we arrive at Language and Intersubjectivity. In order to better understand the specificity of Lévinas's thought, we will outline some considerations made by Jean-Paul Sartre regarding the topics addressed, analyzing how their respective conceptions are structured.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Emmanuel lévinas, Jean-paul sartre, Contemporary french philosophy, Language, Intersubjectivity

Desejo e Alteridade: a dimensão da Linguagem em Lévinas

A proposta de uma análise que relacione Desejo e Alteridade a partir da Linguagem no pensamento do filósofo Emmanuel Lévinas se relaciona a um amplo recorte, uma vez que são conceitos e abordagens constitutivos de sua concepção de Ética. Assim, a intenção é a de aprofundarmos a tematização da Linguagem no pensamento levinasiano, compreendendo também o modo como tal tema se situa no cenário intelectual no qual Lévinas se insere - de modo mais preciso, na segunda metade do século XX na França.

Ao buscarmos compreender a dimensão que a Linguagem adquire no pensamento deste autor - tema este que não é tão facilmente compreendido em sua extensão a partir de um primeiro contato - passamos a uma estrutura textual que possui um duplo movimento, presente tanto na obra de Lévinas quanto este texto pretende explicitar: no mesmo ato em que Lévinas realiza a exposição de seus conceitos também estabelece uma crítica profunda à composição da Filosofia e da Filosofia Contemporânea.

Ao longo da obra de Lévinas podemos considerar que tais críticas são direcionada amplamente ao que o autor denomina como "filosofia ocidental"[1], mas, eventualmente, também direciona críticas mais diretas ao pensamento de algum filósofo em particular. Para os fins que aqui pretendemos consubstanciaremos, ao menos em parte, estas críticas a partir do pensamento de Jean-Paul Sartre - filósofo para o qual a questão da Linguagem, da Alteridade (ou da Intersubjetividade) e do Desejo são de grande expressão.

Destacado este duplo movimento e a crítica realizada por Lévinas podemos considera que para compreendermos a Linguagem - e em especial a relação que esta obtém com o Desejo e a Alteridade - a leitura que Lévinas realiza de Sartre é particularmente esclarecedora, de modo a não somente apontarmos pontos de encontro e divergência entre os pensamentos dos autores mas também, em certa medida, situarmos o pensamento de Lévinas na Filosofia Contemporânea e, principalmente, para tecermos algumas considerações a respeito do próprio pensamento a Lévinas.

[1] A título de exemplo, podemos considerar dois momentos nos quais Lévinas direciona críticas à "Filosofia ocidental": o primeiro em *Totalidade e Infinito* (LEVINAS, 1988, p. 31) e o segundo em *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence* (LÉVINAS, 2006, p. 207). Em ambas as ocasiões o filósofo utiliza o termo para caracterizar o estudo realizado pela filosofia ocidental como relacionado à Ontologia, em oposição ao seu pensamento, relacionado à Ética.

Conforme observaremos, a Linguagem e a Alteridade - a qual, ao considerarmos o pensamento de Sartre, podemos considerar nos termos de "Intersubjetividade", por se um termo mais próximo ao pensamento sartriano a respeito da condição do Outro - se encontram no bojo da filosofia de Lévinas e constituem, para a reconstrução da estrutura argumentativa levinasiana, um modo de consideração bastante peculiar em relação ao pensamento sartriano.

Reconstrução dos pressupostos do pensamento sartriano

Antes mesmo de aprofundarmos nossa análise desejamos apresentar alguns pressupostos da filosofia de Sartre para, então, trazermos o pensamento de Lévinas e melhor compreendermos o direcionamento de suas críticas. Tais pressupostos são, como não poderiam deixar de ser, referentes à estrutura da Intersubjetividade e da Linguagem, principalmente a partir do pensamento de Sartre presente em *O Ser e o Nada*.

Deste modo, analisarmos o pensamento do filósofo a partir de dois momentos: o primeiro relacionado à estrutura que a Subjetividade e a Alteridade adquirem em Sartre, para passarmos a um esboço da Intersubjetividade e analisarmos, em um segundo momento, a dimensão da Linguagem[2] neste contexto.

A estrutura da Intersubjetividade em Sartre deve ser compreendida, para além da relação formada entre Sujeito e Sujeito, a partir da dicotomia estabelecida entre Sujeito (consciência, o pensamento) e Objeto (que designaremos, ao menos neste momento, como o mundo físico) e, em especial a partir da perspectiva do Sujeito, do Eu, revelando um traço do pensamento cartesiano presente no autor, uma vez que o mundo e a análise da realidade começaria também pelo Eu, pelo "penso, logo existo" de Descartes. Neste sentido, já podemos adiantar que a Intersubjetividade se expressam pelo binômio formado entre Sujeito e Objeto, com a alternância dos Sujeitos entre os polos, marcando a relação pelo conflito, pela dominação e pela desigualdade, e não entre Sujeito e Sujeito como uma relação entre seres conscientes seria esperada - em especial ao considerarmos o pensamento de Lévinas e sua Ética.

[2] Embora a Linguagem esteja presente em grande parte da obra sartriana e possua extensas implicações em seu pensamento podemos considerar que esta é tratada, muitas vezes, como um tema menor por seus comentadores, figurando em poucos estudos como tema central e que analise todo o espectro das diversas nuances do tema em obras como "O que é a Literatura?" ou "Critica da Razão Dialética".

É justamente este Sujeito que introduz na realidade outro modo de ser que não o estado estático, maciço e completo do objeto, denominado por Sartre como "ser em-si". Assim, a dicotomia irredutível formada entre Sujeito e Objeto encontra-se no centro pensamento sartriano e se estabelece como uma estrutura constitutiva do Sujeito que é, em certa medida, também transposta para as relações entre estes Sujeitos e para as instâncias de subjetividade e objetividade.

A dinâmica que a consciência do Sujeito insere no mundo é designada nos moldes de um Sujeito que é designado como o Ser que é Para-si. Assim, o Sujeito é Para-si em certa oposição ao ser que é Em-si, uma vez que ainda não possui o seu Ser, pois é um Nada de Ser e se projeta para o ser.

Na estrutura inicial da obra *O Ser e o Nada*, Sartre analisa esta estrutura do Sujeito, do Para-si, em oposição à plena positividade constitutiva do Ser que é Em-Si mesmo, como o é um objeto, Sartre encontrará o problema da gênese da negatividade no mundo - a qual, por sua vez, requererá aprofundar o estudo do Nada. O estudo da negatividade no mundo, da origem do Nada, se dará a partir de uma postura interrogativa e dará ensejo à análise do próprio Sujeito, como origem de tal interrogação, como uma quebra na estrutura da realidade do mundo:

> (...) com a interrogação, certa dose de negatividade é introduzida no mundo: vemos o Nada irisar o mundo, cintilar sobre as coisas. Mas, ao mesmo tempo, a interrogação emana de um interrogador que se motiva em seu ser como aquele que pergunta, desgarrando-se do ser. A interrogação é, portanto, por definição, um processo humano. Logo, o homem apresenta-se, ao menos neste caso, como um ser que faz surgir o Nada no mundo, na medida em que, com esse fim, afeta-se a si mesmo de não-ser. (SARTRE, 1997, p. 66).

Assim, na condição de "não-ser" o Sujeito interrogante é marcado por seu Nada, e, para suprir o que lhe é falta, se lança no mundo em forma de projeto - conceito importante para a compreensão da condição humana em Sartre.

É justamente neste contexto que há, para Sartre, o desejo: “(...) todo ato se insere num projeto de ser, pois é atuando que o para-si persegue a totalização de si, a satisfação do

desejo de ser a partir da falta constitutiva." (SILVA, 2004, p. 138-139 - grifo nosso). Assim, em razão do Nada do Sujeito e de sua busca de Ser que há o desejo como supressão de uma falta que lhe compõe e o faz se projetar no mundo para alcançar seu Ser.

Nesta dinâmica estabelecida entre a falta e o projeto[3] é introduzido por Sartre a questão da Alteridade - o Ser que é Para-si possui a dimensão de ser Para-Outro também, uma vez que ao projetar-se no mundo o Sujeito encontra outros Sujeitos, que também possuem a mesma estrutura, marcados pela falta, pelo desejo e pelo projeto.

A estrutura Intersubjetiva, neste contexto, é marcada por um jogo de dominação e pela estrutura de conflito em relação à Alteridade, uma vez que são diversos projetos (e, de certa forma, Desejos oriundos de Sujeitos diversos) que coexistem e interagem em uma mesma realidade:

> Enquanto tento livrar me do domínio do outro, o outro tenta livrar-se do meu; enquanto procuro subjugar o outro, o outro procura me subjugar. Não se trata aqui, de modo algum, de relações unilaterais com um objeto-Em-si, mas sim de relações recíprocas e moventes. As descrições que se seguem devem ser encaradas, portanto, pela perspectiva do conflito. O conflito é o sentido originário do ser-Para-outro. (SARTRE, 1997, p. 454)

A Intersubjetividade enquanto conflito é um tema bastante relevante para o pensamento sartriano e se relaciona de modo bastante próximo não apenas ao Desejo, mas também à Linguagem, a qual passamos a melhor analisar neste esboço e reconstrução dos pressupostos do pensamento de Sartre e então, em um momento seguinte, passarmos a Lévinas.

Melhor delimitando este contexto de conflito que se instaura, o filósofo afirma que o Sujeito ora é dominado (e se coloca na condição de objeto) ou ora domina (e coloca o outro na condição de objeto), originando relações de Amor, a Linguagem, o Masoquismo, assim como a Indiferença, o Desejo, o Ódio, o Sadismo.

[3] Em razão do recorte proposto em nosso trabalho, não aprofundaremos em maiores detalhes este conceito, mas cabe apontarmos que esta relação entre falta e desejo deve ser considerada sob o aspecto de que a Liberdade - tema extremamente relevante para Sartre - se insere no cerne desta dinâmica e é constitutiva da condição humana para o pensamento do filósofo.

Posto isto, podemos melhor situar tanto a Linguagem como o Desejo para Sartre, uma vez que ambos se situam nesta lógica de dominação, como um desejo de assimilação, estabelecendo para o Outro a condição de objeto ou se fazendo enquanto objeto.

Neste sentido, é relevante considerarmos que a Linguagem é compreendida, ao menos neste momento do pensamento sartriano, em um sentido bastante amplo, pois podemos considerá-la presente no bojo do Ser, identificando Sujeito e expressão: “eu sou linguagem” (SARTRE, 1997, p. 465) estabelecendo uma instância pré-linguística para a linguagem.

Neste contexto formado entre Sujeito, subjetividade e objetividade, a Linguagem é corporificada e revela a dimensão objetiva do homem, feito que só ocorre em meio a outros sujeitos. O contexto no qual a linguagem aparece receberá um diagnóstico semelhante à própria estrutura da intersubjetividade:

> Faz parte da condição humana; é originalmente a experiência que um Para-si pode fazer de seu ser-Para-outro, e, posteriormente, o transcender desta experiência e sua utilização rumo a possibilidades que são minhas possibilidades, ou seja, rumo às minhas possibilidades de ser isto ou aquilo para o outro. A linguagem, portanto, não se distingue do reconhecimento da existência do outro. O surgimento do outro frente a mim como olhar faz surgir a linguagem como condição de meu ser. (SARTRE, 1997, p.465).

Neste sentido, a Linguagem se estabelece como uma condição da relação eu-outro e adquire um lugar privilegiado para que a Intersubjetividade seja possível e a questão da objetividade do Sujeito (estabelecida pelo seu corpo) seja tematizada:

> (...) atribuímos ao corpo-para-outro tanta realidade quanto ao corpo-para-nós. Ou melhor, o corpo-Para-outro é o corpo-para-nós, porém inapreensível e alienado. Parece então que o outro cumpre por nós uma função pra a qual somos incapazes e que, no entanto, cabe-nos executar: ver-nos como somos. A linguagem, ao revelar-nos- no vazio – as principais estruturas de nosso corpo-Para-outro (enquanto o corpo existido é inefável), incita-nos a descarregar inteiramente nossa pretendida missão em cima do outro. Resignamo-nos a nos ver pelos

> olhos do outro; significa que tentamos conhecer o nosso ser pelas revelações da linguagem. (SARTRE, 1997, p. 444).

A Linguagem, enquanto pertencente ao primeiro grupo de relações concretas apresentadas por Sartre, se refere à assimilação da liberdade do Outro ou, em outros termos, o outro adquire a postura daquele que olha o corpo do Sujeito e afirma uma relação marcada pela ambiguidade: "o outro é para mim aquele que roubou meu ser e, ao mesmo tempo, aquele que faz com que "haja" um ser, que é o meu" (SARTRE, 1997, p. 455) e é neste contexto concreto das relações que a linguagem se enquadra perfeitamente: "A linguagem não é um fenômeno acrescentado ao ser-Para-outro: é originalmente o ser-Para-outro; ou seja, é o fato de uma subjetividade experimentar-se como objeto para o outro" (SARTRE, 1997, p. 464).

Deste modo, para fecharmos este esboço dos pressupostos do pensamento de Sartre, devemos considerar que a objetividade do Sujeito é obtida pelo outro, adquirindo proporções que escapam ao Sujeito e, por este outro, são estabelecidos sentidos objetivos pertinentes à Linguagem e que anteriormente não eram previstos. O outro capta a linguagem de acordo com o exercício de sua liberdade e adquire a possibilidade de transcender o Sujeito livremente, compreendendo-o do modo que desejar

Desejo, Alteridade e Linguagem em Lévinas

Esboçada a situação do Desejo e da Linguagem no contexto da intersubjetividade sartriana, devemos passar agora a Lévinas, melhor analisando suas considerações a respeito do tema e analisando as críticas que este realiza, a partir da retomada de alguns aspectos do pensamento de Sartre.

Se para Sartre tivemos que recriar todo o contexto no qual o filósofo aborda a linguagem, para Lévinas a abordagem necessita ser de modo diverso, uma vez que a Linguagem, a Intersubjetividade e o Desejo são originados de pontos de reflexão diferentes para estes pensadores. Neste sentido, tencionamos que a exposição de Lévinas se estabeleça como uma construção em contraposição ao que critica, do mesmo modo que esta diferenciação reforce a estrutura de ambos os elementos formadores de tal oposição.

Antes de entrarmos propriamente nos temas objeto de nossa análise em Lévinas um ponto importante deve ser observado na conjuntura de sua obra: o estatuto da Ética neste

contexto, uma vez que estabelece uma peculiar posição ao pensamento de Lévinas dentro do cenário intelectual.

Contrariamente a seus contemporâneos (dentre os quais podemos apontar, prioritariamente, a postura de Sartre) a Filosofia Primeira para Lévinas é a Ética e não a Ontologia. Estabelecer o primado ético em um sistema de pensamento confere, conforme veremos, destaque tanto ao Desejo e à Intersubjetividade quanto à Linguagem, que passam a ter uma abordagem indissociável.

Ainda em relação à condição da Ética, é importante considerarmos que esta inversão não é uma busca por suprimir a Ontologia, mas para Lévinas a Ontologia já estaria pressuposta na Ética: tratar das relações entre os seres (Ética) já teria como pressuposta a existência dos mesmos (Ontologia) (LÉVINAS, 2004, p.21), de modo a ampliar o foco central de sua filosofia e passar às relações mesmas, com o privilégio da figura do Outro.

Esta defesa da Ética em relação à Ontologia é estabelecida nos seguintes moldes em seu livro *Totalidade e Infinito*: aquela é uma "defesa da subjetividade, mas não a captará ao nível do seu protesto puramente egoísta contra a totalidade" (LÉVINAS, 1988, p. 13). Deste modo, a Ética levinasiana pensa a relação do Eu com o exterior, com o Outrem (absolutamente Outro), de forma necessária.

De maneira um tanto diferente em relação a Sartre, a análise da subjetividade abrange ambos os termos da relação intersubjetiva, uma vez que: "a alteridade só é possível a partir de mim" (LÉVINAS, 1988, p. 27). Deste modo, o desenvolvimento filosófico de Lévinas sobre a subjetividade não fica preso unicamente ao estatuto do Ser, do Sujeito, mas a ultrapassa para a composição de uma dimensão Ética, em direção ao Outro.

Já a Ontologia, por outro lado, em sua estrutura reduz o Outro ao Eu, ao Mesmo, é uma egologia, que receberá a crítica de Lévinas como sendo uma Filosofia do poder e da dominação, que nunca coloca este Eu central em questão, fator que concede o peso da injustiça à Ontologia. Neste sentido, podemos compreender este diagnóstico como uma crítica direcionada a Sartre, principalmente a partir da análise do pensamento deste no período referente a *O Ser e o Nada*.

Neste cenário ontológico apresentado há, para Lévinas, a caracterização de uma crise do Humanismo na Filosofia contemporânea, sendo necessário, deste modo, reestabelecer algumas concepções para que seja conferida maior importância à condição da Alteridade e para que o cenário passe a ser ético.

Esta crise do humanismo diagnosticada por Lévinas (“A crise do humanismo em nossa época tem, sem dúvida, sua fonte na experiência da ineficácia humana posta em acusação pela própria abundância de nossos meios de agir e pela extensão de nossas ambições.” – LÉVINAS, 1997, p. 71) encontra um momento histórico preciso e reflete na maneira que o filósofo apresenta sua Ética.

Melhor delimitado o caráter de rompimento de Lévinas com seu tempo, principalmente no que se refere à Ontologia, devemos passar ao pensamente de Lévinas propriamente dito. Este primeiro momento pelo qual passaremos é referente à estrita relação entre a Intersubjetividade e a Linguagem e os moldes como esta relação temática se dá no bojo da ética levinasiana.

A referência de Sartre ao Sujeito, correspondendo em certa medida a uma estrutura cartesiana, nos leva também a considerarmos a leitura que Lévinas realiza da subjetividade e que se insere de modo bastante preciso neste contexto crítico anteriormente mencionado. Em *Totalidade e Infinito* o autor afirma que: "Este livro apresenta-se, pois, como uma defesa da subjectividade, mas não a captará ao nível do se protesto puramente egoísta contra a totalidade, nem na sua angústia perante a morte, mas como fundada na idéia do infinito." (LÉVINAS, 1988, p. 13), apresentando já em seu início, uma concepção de subjetividade condizente com a estrutura Ética.

Assim, a Ética levinasiana se afirmará tanto em relação à subjetividade quanto à Intersubjetividade, uma vez que na estruturação desta o Outro não somente não se encontrará na condição de objeto, como, por outro lado, trará consigo imperativos éticos de Responsabilidade. A Ética, conforme compreendida por Lévinas, está para além do mero dever-ser e se situará na própria formação das relações intersubjetivas.

É a partir desta concepção de subjetividade, considerada em relação à idéia de infinito que a filosofia de Lévinas será estruturada. O Infinito, assim como a Ética e a Linguagem, estará intimamente ligado às relações intersubjetivas, ao Mesmo e ao Outrem, o absolutamente Outro, e não podem ser perdidos de vista ao longo esta analise. Sendo assim, devemos inicialmente estabelecer situação de tal idéia dentro do sistema de pensamento atribuído ao filósofo, para melhor compreendermos a sua proposta dos temas aqui objetos de estudo.

A estrutura da intersubjetividade conforme pudemos acompanhar em *O Ser e o Nada* de Sartre, permitiu que a reconstrução teórica desta se desse a partir da formação do Eu, do Sujeito consciente, para que a partir deste fosse teorizada a estrutura do Outro, bem como as

interações que se originariam deste contato. Ainda que em tal ocasião a intersubjetividade se estabelecesse como necessária para a subjetividade, o modo como Sartre estrutura seu pensamento, permite que se realize a reconstrução destes temas em momentos separados.

Já em Lévinas, conforme veremos, o primado da Ética, o campo do Entre nós e a Alteridade terão uma abordagem prioritária em relação à estrutura do Sujeito consciente isoladamente.

Deste modo, Lévinas inicia uma crítica à estrutura do Sujeito, de modo a reafirmar a necessidade de que esta seja ultrapassada em direção à formação de uma ética:

> Ser eu é, para além de toda a individualização que se pode ter de um sistema de referências, possuir a identidade como conteúdo. O eu não é um ser que se mantém sempre o mesmo, mas o ser cujo existir consiste em identificar-se em reencontrar a sua identidade através de tudo o que lhe acontece. (LÉVINAS, 1988, p. 24).

É a partir destes moldes, como necessidade de identidade, que o sujeito encontrar-se-ia inserido em um mundo que é exterior à sua consciência. Nestes moldes, para que seja possível a ética levinasiana, a concepção de Sujeito deve ir para além da mera identidade, do Eu, e chegar à Alteridade, ao Outro.

Assim sendo, a estrutura da Alteridade, a figura de Outro Sujeito consciente, e que representará a maior parte da exposição da ética, começa a ser esboça por Lévinas. Deste seu início a Alteridade tem, para o filósofo, uma configuração radical:

> O Outro metafísico é outro de uma alteridade que não é formal, de uma alteridade que não é um simples inverso da identidade, nem de uma alteridade feita da resistência ao Mesmo, mas de uma alteridade anterior a toda iniciativa, a todo o imperialismo do Mesmo; outro de uma alteridade que constitui o próprio conteúdo do Outro; outro de uma alteridade que não limita o Mesmo, porque nesse caso o Outro não seria rigorosamente Outro: pela comunidade da fronteira, seria, dentro do sistema, ainda o Mesmo. (LÉVINAS, 1988, p. 26).

Conforme o proposto por Lévinas a alteridade do Outrem se dá a partir de uma absoluta separação, uma separação, justamente, infinita[4]. Neste sentido, o Outro tem então o estatuto de desconhecido, de estrangeiro – termo bastante utilizado na filosofia francesa contemporânea (a exemplo de Camus, com a obra "O Estrangeiro").

As consequências desta separação e deste desconhecimento do Outro são inúmeras, mas, primeiramente, cabe apontarmos para a situação que envolve este movimento através do qual o Sujeito transpõe a esfera egoística do seu Eu e do seu mundo em direção a Outrem, uma vez que é neste contexto que a questão do Desejo se faz presente.

Lévinas explicitará este movimento através dos moldes do que denominará como "desejo metafísico" o qual, nestes termos, não deve ser confundido como uma necessidade ou como uma falta do Sujeito que justificasse a sua exteriorização, nem o movimento transcendente de modo que este buscasse algo para completar-se - como o é em Sartre. O Desejo conforme compreendido por Lévinas ganha outra conotação:

> O desejo metafísico tem uma outra intenção – deseja o que está para além de tudo o que pode simplesmente completá-lo. (...) O Desejo é desejo do absolutamente Outro. Para além da fome que se satisfaz, da sede que se mata e dos sentidos que se apaziguam, a metafísica deseja o Outro para além das satisfações, sem que da parte do corpo seja possível qualquer gesto para diminuir a aspiração, sem que seja possível esboçar qualquer carícia conhecida, nem inventar qualquer nova carícia. (LÉVINAS, 1988, p. 22).

Na obra *Humanismo do Outro Homem*, Lévinas retoma a questão do desejo, completando a concepção acima exposta conforme fora apresentada em *Totalidade e Infinito*:

> O Desejo do Outro – a socialidade – nasce num ser que não carece de nada ou, mais exatamente, nasce para além de tudo o que lhe pode faltar ou satisfazê-lo. No Desejo, o Eu (Moi) põe-se em movimento para o Outro, de maneira a comprometer a soberana identificação do

[4] Em relação à concepção levinasiana de Infinito cabe apontarmos uma passagem de *Entre nós* na qual Lévinas infere que: "A relação com o Infinito não é conhecimento, mas proximidade, que preserva o desmedido do não englobável que aflora. (LÉVINAS, 2004, p. 90).

> Eu (Moi) consigo mesmo, cuja necessidade não é mais que nostalgia e que a consciência da necessidade antecipa. (LÉVINAS, 1993, p. 49)

Estabelecida esta análise peculiar do Desejo, que em nada se relaciona com a falta ou a necessidade[5], uma vez que há o respeito pela alteridade, há, então, a instauração de um movimento em direção ao Outro. Neste ponto, antes de retomarmos esta intersubjetividade que se inicia, cabe realizarmos um apontamentos referente à contraposição em relação a Sartre.

A título de observação devemos considerar, brevemente, que é inevitável o apontamento de uma clara divergência entre o entendimento de Lévinas em relação ao que consideramos a respeito da Falta e da Necessidade em Sartre. Em Sartre a falta e a necessidade de um fundamento que proporcione a estabilidade de Ser o Sujeito é justamente o que proporciona a dinâmica do movimento em direção ao Outro. Já em Lévinas, tal justificativa não se sustenta, uma vez que podemos afirmar que, pelo exposto até o momento, a própria análise da estrutura do Sujeito é diferenciada.

Retornando aos nossos estudos a respeito do Sujeito levinasiano, observamos que o Desejo proporciona a atração entre os sujeitos, iniciando o contexto das relações intersubjetivas, as quais são marcadas pela alteridade radical do Outro. Tal radicalismo se expressa na estrutura do Sujeito que acompanhamos a exposição até o momento, mas que também será mais bem aprofundado adiante. A concepção de alteridade encontra-se no bojo da ética levinasiana aqui apresentada e estabelecerá os moldes nos quais a Linguagem será inserida.

Para aprofundarmos nossos estudos a respeito da Intersubjetividade, cabe passarmos agora, após o movimento de encontro iniciado pelo Desejo, à analise do encontro mesmo com o Outro, bem como as implicações éticas que ele estabelecerá.

O primeiro encontro com o Outro, um estranho, se expressa, acima de tudo, pelo encontro com o seu Rosto, com a sua Face[6] - conceito caro à Ética levinasiana. A escolha por

[5] A conceituação de Lévinas a respeito da necessidade, se dá nos seguintes moldes: "Sem dúvida, na satisfação da necessidade, o caráter estranho do mundo que me fundamenta perde a sua alteridade: na saciedade, o real em que eu mordia assimila-se, as forças que estavam no outro tornam-se *minhas* forças, tornam-se eu (e qualquer satisfação de necessidade é sob algum aspecto alimento). (LÉVINAS, 1988, p. 113-114), clarificando a compreensão do porquê a relação com o outro não pode ser expressa sob o signo da necessidade.

[6] A preferência da denominação utilizada por Lévinas é firmada pelo termo "face", uma vez que este remete à terminologia utilizada pela Bíblia e, deste modo, carrega consigo uma conotação sagrada.

Lévinas pelo Rosto, em detrimento do Corpo, como um todo, constitui um fator importante para a sua filosofia e estabelece algumas implicações - principalmente no que concerne à questão da objetividade do Sujeito.

É através da Face que, para Lévinas, há a exteriorização mais pura do Sujeito: "a pele do rosto é a que permanece mais nua, mais desabrigada. A mais nua, mas de uma nudez digna." e, mais adiante, o autor completa: "O rosto é exposição, ameaçador, como se estivesse nos convidando a um ato de violência. Ao mesmo tempo, o rosto é o que nos proíbe de matar."[7].

Este acesso ao Outro através de seu rosto se dá para além de um simples olhar direcionado a uma forma plástica. Para o filósofo, o rosto já traz uma significação e, neste ponto, já podemos estabelecer uma relação com a concepção levinasiana de linguagem. Através da face, cujos reflexos filosóficos acompanharemos adiante, é estabelecida uma intersubjetividade específica, uma vez que em si mesma já se estabelece como ética. Enquanto instauradora de uma ética, a face que traz consigo o imperativo para que esta seja possível já é significante. A partir disto, é estabelecida uma instância da linguagem pré-linguística, de modo que esta a linguagem se estabeleça já como elemento estruturante da intersubjetividade.

A partir deste primeiro contato com o Rosto, Lévinas entende que é estabelecida uma primeira relação com a Alteridade. Para além de uma relação entre o Sujeito que olha e a Face que é vista, o filósofo entende esta relação inicial como uma epifania[8] do rosto, a qual rompe com a indiferença em relação ao Outro, reconhecendo a sua Alteridade.

A Ética em Lévinas, para que tenha sua compreensão devidamente estudada, pressupõe o aprofundamento de outros dois elementos que contribuem para a composição de sua estrutura: a separação e, justamente, a desigualdade entre os Sujeitos. Ambos os pontos estarão intrinsecamente relacionados à linguagem, de modo que, cabe aprofundá-los para que

[7] Livre tradução do original e completo em francês: "La peau du visage est celle qui reste la plus nue, la plus dénuée. La plus nue, bien que d'une nudité décente. La plus dénuée aussi: il y a dans le visage une pauvreté essentielle; la preuve em est qu'on essair de masquer pauvreté em se bonnant des poses, une contenance. Le visage est exposé, menacé, comme nous invitant à un acte de violence. En même temps, le visage est ce qui nous interdit de tuer."(LÉVINAS, 2008, p.80).

[8] A denominação escolhida por Lévinas como epifania ressalta o caráter sagrado de das relações intersubjetivas "A dimensão do divino abre-se a partir do rosto humano. Uma relação com o Transcendente – livre, no entanto, de toda a dominação do Transcendente – é uma relação social. É aí que o Transcendente, infinitamente Outro, nos solicita e apela para nós." (LÉVINAS, 1988, p. 64).

possamos prosseguir com os temas centrais de nossa proposta de recorte do pensamento levinasiano.

Neste sentido, cabe observar que o estudo da Linguagem e da Intersubjetividade ética não se diferenciam em suas estruturas, mas estão intrinsecamente ligadas. A separação que propusemos neste trabalho e que acompanhamos até agora se deu, então, como um mero instrumento metodológico. Se tomarmos como parâmetro para análise a apresentação de tais temas em *Totalidade e Infinito*, por exemplo, ambos os assuntos de nossa dissertação são tratados simultaneamente e se encontram pulverizados ao longo de toda a obra.

Retomando o percurso pelo qual passamos para estudarmos a estrutura da Alteridade e da Ética em Lévinas alguns pontos precisaram ser ressaltados para que chegássemos à formação do presente contexto. Foi em razão disto que dissertamos a respeito da separação entre o Mesmo e o Outro, a importância da face, a assimetria na intersubjetividade, entre outros pontos que retornarão no estante de nosso texto.

O trecho que destacamos a seguir de Lévinas aponta de um modo bem preciso para esta retomada dos conceitos expostos na Ética, sob o prisma da Linguagem. Tal apresentação reforça a afirmação que realizamos de que ambos os temas não podem ser propriamente separados:

> O desenvolvimento positivo da relação pacífica sem fronteira ou sem qualquer negatividade com o outro produz-se na linguagem. A linguagem não pertence às relações que possam transparecer nas estruturas da lógica formal: é contato através de uma distância, relação com o que não se toca, através do vazio. Coloca-se na dimensão do desejo absoluto pelo qual o Mesmo se encontra em relação com um outro, que não é aquilo que o Mesmo tinha simplesmente perdido. (LÉVINAS, 1988, p. 154).

Pormenorizando as partes destacadas podemos perceber como o campo da Linguagem é próprio para a produção da Ética. Neste campo da intersubjetividade a alteridade é estabelecida em um estatuto positivo, em uma relação não alérgica, conforme Lévinas se refere, e, assim como ressaltamos anteriormente, a aproximação se dá na forma de um Desejo metafísico, que não se iguala à necessidade, nem à dominação ou ao conflito.

A linguagem é ética por sua natureza e pela situação na qual está inserida:

> A realização com outrem não se dá fora do mundo, mas põe em questão o mundo possuído. A relação com outrem, a transcendência, consiste em dizer o mundo a Outrem. Mas a linguagem completa o pôr em comum original – que se refere à posse e supõe a economia. (...) A generalidade da palavra instaura um mundo comum. O acontecimento ético situado na base da generalização é a intenção profunda da linguagem. (LÉVINAS, 1988, p. 155).

e, mais adiante, Lévinas ainda infere que: "A <<visão>> do rosto não se separa da oferta que é a linguagem. Ver o rosto é falar do mundo. A transcendência não é uma óptica, mas o primeiro gesto ético." (LÉVINAS, 1988, p. 156).

Deste modo, podemos afirmar que algo que aqui começa a esboçar e que será reiterado ao longo de nossa exposição: conforme compreendida por Lévinas a linguagem já é, em si mesma, uma relação ética. Neste sentido, Edith Wyschogrod, em seus estudos sobre a relação entre Linguagem e alteridade, afirma que: "Linguagem não é definida pela transposição de palavras em referentes ou pelo formalismo da relação de significação para um outro, mas como uma relação ética, como responsabilidade para outra pessoa, "uma semântica da proximidade."[9].

Inserida na lógica da Alteridade proposta por Lévinas, a Linguagem reafirma a proposta ética por conta da composição de sua própria estrutura. Nas palavras do filósofo, a Linguagem se faz nos moldes de "uma relação entre termos separados" (LÉVINAS, 1988, p.174), do mesmo modo que o é a relação ética.

A separação pertencente à Intersubjetividade e agora, neste contexto, à Linguagem aponta para algumas peculiaridades do entendimento desta para Lévinas. Quanto a este ponto, cabe primeiro compreendermos em que medida se dá esta separação que reafirma a idéia do infinito e rechaça a de totalidade, intentada ao longo de toda a obra *Totalidade e Infinito*. Retomando os conceitos anteriormente expostos em nosso trabalho, as palavras de Lévinas são as seguinte:

[9] Livre tradução de: "Language is not defined as the transposition of words into referents or by the formalism of the relation of signifiers to one another but as an ethical relation, a responsibility to the other person, 'a semantics of proximity'." (WYSCHOGROD, 2004, p. 190).

> A verdade procura-se no outro, mas daquele que não tem falta de nada. A distância é intransponível e, ao mesmo tempo, transposta. O ser separado está satisfeito, é autônomo e, no entanto, procura o outro numa procura que não é espicaçada pela falta de necessidade, nem pela recordação de m bem perdido; tal situação é a linguagem. A verdade surge justamente onde um ser separado do outro não se afunda nele, mas lhe fala. A linguagem que não toca o outro, ainda que tangencialmente, atinge o outro interpelando-o, ou dando-lhe ordens, ou obedecendo-lhe com toda a rectidão dessas relações. (LÉVINAS, 1988, p. 49 – 50).

A partir deste entendimento, devemos realizar dos apontamentos: o primeiro, referente à interpelação e, o segundo, aprofunda a separação e as suas consequências na dinâmica da Linguagem.

A interpelação, o chamamento do Outro para a relação Ética, ocorre já com o oferecimento da Face e é reforçada pela ligação estabelecida a partir da linguagem, mantendo a separação dos termos: "O rosto abre o discurso original, cuja primeira palavra é obrigação que nenhuma <<interioridade>> permite evitar." (LÉVINAS, 1988, p. 179)[1]. Assim, é estabelecida uma dimensão da linguagem enquanto comunicação entre os sujeitos que se afirma como pré-linguística - assim como o consideramos em relação à concepção de Linguagem sartriana.

Já a respeito da separação cabe apontarmos os moldes que esta relação adquire nos contextos de uma relação assimétrica, conforme estudamos. Segundo Lévinas "só o absolutamente estranho nos pode instruir" (LÉVINAS, 1988, p.60), afirmando, deste modo, que o desconhecido que é o Outro (e que traz a concepção de Infinito) pode acrescentar algo à esfera do Eu.

É neste contexto que para Lévinas a Linguagem se faz como ensino que retoma, para além da pressuposta separação, a presença da assimetria entre o Eu e o Outro na intersubjetividade. A infinita separação entre os sujeitos implica na ausência de conflitos entre as liberdades, marcando uma relação não pela dominação, mas, para além da responsabilidade, pelo ensino proporcionado pelo Outro. Tal afirmação é corroborada pela afirmação de que "A sua alteridade manifesta-se num domínio que não conquista, mas ensina." (TI, p. 153).

É ainda neste sentido que podemos compreender a seguinte passagem de *Totalidade e Infinito*:

> A contradição entre a interioridade livre e a exterioridade que deveria limitá-la concilia-se no homem aberto ao ensino. O ensino é o discurso em que o mestre pode trazer ao aluno o que o aluno ainda não sabe. Não opera como a maiêutica, mas continua a colocação em mim da idéia do infinito. A idéia do infinito implica uma alma capaz de conter mais do que ela pode tirar de si. (LÉVINAS, 1988, p. 162).

Devemos, antes de concluirmos, nos deter em mais um ponto neste trecho apontando, justamente, o modo como Lévinas traz, juntamente com a relação de ensino, a idéia acima apontada de que o mestre traz ao aluno algo que este ainda não sabia.

A relação entre mestre e aluno introduz algo novo ou, em outros termos, o absolutamente Outro acrescenta algo novo ao Sujeito e é nestes moldes que a idéia do infinito é novamente contextualizada no pensamento levinasiano: "Ensina e introduz algo de novo num pensamento; a introdução do novo num pensamento, a idéia do infinito – eis a própria obra da razão. O absolutamente novo é Outrem." (LÉVINAS, 1988, p. 196).

Considerações Finais

Ao longo de nossa breve exposição buscamos apresentar algumas considerações a respeito da Linguagem no pensamento de Lévinas ao relacioná-la ao Desejo e à Intersubjetividade, além de situarmos o filósofo e seu pensamento no centro dos debates contemporâneos. Para concretizarmos este intento passamos não apenas à análise dos escritos de Lévinas mas também às obras de Sartre, de modo a reconstruirmos, ainda que brevemente, estes temas dentro do pensamento sartriano.

Deste modo, mais do que apresentar comparações entre os pensamentos dos autores, analisando similitudes e divergências, o que se intentou nesta aproximação entre os autores é a de apresentar a especificidade do pensamento de Lévinas ao considerar a Ética como Filosofia Primeira, assim como a extensão que isto representa para a estrutura de seu pensamento, estabelecendo diversos pontos a serem relacionados com outros autores que não apenas Sartre - a exemplo de Maurice Blanchot, Jacques Derrida, entre outros.

Bibliografia

LÉVINAS, Emmanuel. *Autrement qu'être ou au-delá de l'essence*. 5 ed. Barcelone: Liberdúplex, 2006.

_____. *Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger.* Trad. Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

_____. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade.* Trad Pergentino Stefano Pivatto (coord.) e José Nedel 2ªed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *Éthique et infini* – dialogues avec Philippe Nemo. Paris: LGF, 2008.

_____. *Humanismo do outro homem.* Trad. Pergentino S. Pivatto (coord.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

_____. *Totalidade e Infinito* Tradução José Pinto Ribeiro. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1988.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução por Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SILVA, Franklin Leopoldo e. *Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios.* São Paulo: Editora Unesp, 2004. (Coleção Biblioteca de Filosofia/ direção Marilena chauí; organização Floriano Jonas César).

WYSCHOGROD, Edith. *"Language and alterity in the thought os Levinas. In The Cambridge Companion to Levinas*. Edi. Simon Critchley and Robert Bernasconi. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.